

Onde está o sujeito? Reflexões sobre o materialismo e a dialética

Where's the subject?

Reflections on materialism and dialectics

¿Dónde está el sujeto?

Reflexiones sobre el materialismo y la dialéctica

*Daniel Alves Teixeira**

Resumo

Buscamos uma análise acerca dos desdobramentos da questão do sujeito à luz das diversas críticas que a ela se levantaram nos anos pós-estruturalistas e diante da ascensão do neoliberalismo como ideologia dominante em todo o mundo. Relegada como questão metafísica da modernidade, ou como resíduo do cientificismo positivista, a categoria de sujeito tem sido notadamente objeto de desconstrução, ou, quando não, de simples rejeição. Se apoiando sobre um duplo questionamento, de sua possível pertinência para o pensamento psicológico e filosófico atual, como dos possíveis atores da transformação social diante das transformações sofridas que o capitalismo tardio impõe à categoria de proletariado, através do pensamento de Alain Badiou e Slavoj Žižek, tentamos afastar a tendência linguística que hoje pauta grande parte das análises sobre o sujeito e os processos subjetivos para tentar apontar a importância de uma teoria das verdades que renove as bases ontológicas do pensamento e a visão sobre a dialética materialista. Uma teoria do sujeito assentada sobre um conceito de verdade se mostra assim um potencial para repensar o homem enquanto criador.

Palavras-chave: *Sujeito; Materialismo; Dialética; Verdade; Linguagem.*

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3431-5436>. E-mail: danielalvesteixeira7@gmail.com

Abstract

We seek an analysis of the developments surrounding the issue of the subject in light of various critiques that have emerged in the post-structuralist years and in the face of the rise of neoliberalism as the dominant ideology worldwide. Relegated as a metaphysical question of modernity or as a residue of positivist scientism, the category of the subject has notably been a target of deconstruction, or, when not, outright rejection. Grounded in a dual inquiry into its possible relevance for current psychological and philosophical thought, as well as the potential actors of social transformation in the face of the changes imposed by late capitalism on the proletariat category, through the perspectives of Alain Badiou and Slavoj Žižek, we attempt to move away from the linguistic trend that currently guides a significant portion of analyses on the subject and subjective processes. Our aim is to emphasize the importance of a theory of truths that renews the ontological foundations of thought and the perspective on dialectical materialism. A theory of the subject anchored in a concept of truth thus proves to be a potential avenue for rethinking man as a creator.

Keywords: Subject; Materialism; Dialectics; Truth; Language.

Resumen

Buscamos un análisis del desarrollo del tema del sujeto a la luz de las diversas críticas que surgieron en los años postestructuralistas y ante el surgimiento del neoliberalismo como ideología dominante a nivel mundial. Relegada como cuestión metafísica de la modernidad, o como residuo del cientificismo positivista, la categoría de sujeto ha sido notablemente objeto de deconstrucción o, cuando no, de simple rechazo. Partiendo de un doble cuestionamiento, de su posible relevancia para el pensamiento psicológico y filosófico actual, como de los posibles actores de la transformación social frente a las transformaciones que el capitalismo tardío impone a la categoría de proletariado, a través del pensamiento de Alain Badiou y Slavoj Žižek, intentamos quitar la tendencia lingüística que hoy guía la mayoría de los análisis sobre el tema y los procesos subjetivos para intentar señalar la importancia de una teoría de las verdades que renueve las bases ontológicas del pensamiento y la mirada sobre la dialéctica materialista. Una teoría del sujeto basada en un concepto de verdad muestra así un potencial para repensar al hombre como creador.

Palabras clave: Sujeto; Materialismo; Dialéctica; Verdad; Lenguaje.

CRISE DAS CIÊNCIAS HUMANAS, CRISE DA POLÍTICA EMANCIPATÓRIA

Onde está o sujeito? Esta parece ser uma questão que está sempre rondando tanto a filosofia como a psicologia, em suas múltiplas vertentes. Como localizar, entre os múltiplos determinantes de uma situação, entre as estruturas condicionantes da ação e do pensamento humano, seu ponto de subjetivação, de liberdade e criação? Indagação que se apresenta igualmente no campo político ou ideológico, quando nos perguntamos onde estão os agentes da emancipação, os potenciais transformadores das estruturas de exploração e repressão na sociedade contemporânea. Imbuído dessa problemática, neste trabalho, buscaremos primeiramente traçar um breve panorama contemporâneo da questão apresentada, sopesando algumas reflexões filosóficas relevantes diante do atual espectro ideológico que vivemos, para, ao final, analisá-la de um ponto de vista propriamente teórico a partir das contribuições de Slavoj Žižek e Alain Badiou, dois pensadores em plena atividade e que trazem novas e importantes contribuições para refletirmos filosoficamente sobre o sujeito.

A questão do sujeito é de fato crucial, pois bem sabemos o que suas obliterações podem causar. Determinismo biológico, de um lado, com a submissão do indivíduo à química cerebral ou ao seu corpo natural, como também, de outro, a redução da subjetividade a um reflexo das estruturas sociais, do indivíduo como mero resultado das condicionantes sociais que sobre ele atuam. Razão pela qual a questão do sujeito se mostra essencial como ponto de fuga para uma psicologia social que se pretende crítica, afirmadora das potencialidades criadoras da humanidade. Assim, Sílvia Lane caracteriza este desafio imposto à psicologia social, pelo seu viés materialista dialético:

Se o positivismo, ao enfrentar a contradição entre objetividade e subjetividade, perdeu o ser humano, produto e produtor da história, se tornou necessário recuperar o subjetivismo enquanto materialidade psicológica. A dualidade físico x psíquico implica uma concepção idealista do ser humano, na velha tradição animística da psicologia, ou então caímos num organicismo onde homem e computador são imagem e semelhança um do outro.

Nenhuma das duas tendências dá conta de explicar uma nova dimensão espaço-temporal para se apreender o indivíduo como um ser concreto, manifestação de uma totalidade histórico-social - daí a procura de uma psicologia social que partisse da materialidade histórica produzida por e produtora de homens. (Lane, 1989, p. 15)

Embora sabedores da importância da questão do sujeito, mais certo ainda é que levantar esta questão nos abre, quase que imediatamente, o problema, sobremaneira filosófico, do materialismo histórico, como bem destaca Sílvia Lane (Lane, 1989). E uma das tradições mais importantes e proeminentes do pensamento moderno ocidental foi, realmente, o materialismo histórico, ou, uma vertente que compreendemos ainda mais relevante e com ela avizinhada, o materialismo dialético. Assim, foi a partir da filosofia hegeliana/marxista que muitas vezes se respondeu à questão proposta “Onde está o sujeito?”.

Essa tradição – e trazendo uma visão um tanto sintética e resumida de um longo debate – colocou o sujeito como constituído ou perceptível a partir dos movimentos históricos que colocam em relação o mundo material e as ideias, a realidade sócio-histórica e as representações mentais. O sujeito não está nem na materialidade dos corpos e das estruturas orgânicas naturais, nem no reino abstrato das ideias e das linguagens. Estava aí a ideia do sujeito como parte de um processo, e, principalmente, de um *processo histórico-social, que mobiliza tanto corpos quanto pensamentos em seu devir efetivo*. Talvez fosse mesmo possível dizer que o sinal da presença do sujeito está nessa própria *irreducibilidade* do material ao psíquico, e vice-versa, o que marcaria o sujeito como uma espécie de transição, mediação, da realidade em face de suas projeções psíquicas. Um dos momentos filosóficos que melhor marca esse aspecto “nem aqui nem acolá” do sujeito é a inesquecível frase de Marx, em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, sobre como os homens fazem a história, mas não inteiramente, pois “*não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhe foram transmitidas assim como se encontram*” (Marx, 2011, p. 25) Esta frase tem sido de fato um corolário do materialismo dialético, uma vez que situa o sujeito *na* história, mas não completamente submetido à história, como se fosse simplesmente um joguete nas mãos das determinações

econômicas e políticas. O sujeito estaria assim, então, “meio” determinado, mas “meio” livre, também. Produtor e produto, nos dizeres de Sílvia Lane (Lane, 1989).

Não há propriamente uma teoria do sujeito na obra do próprio Karl Marx – embora sejam inúmeras as reflexões sobre a subjetividade que ensejou¹ -, muito em razão da categoria do sujeito ser entendida como parte da ideologia abstrata burguesa, que Marx propunha desmontar e expor em sua realidade material. O que não quer dizer que não exista um sujeito, dado que o sujeito, na obra de Marx, pode também ser interpretado – contra o abstracionismo cartesiano - como o proletariado enquanto agente da transformação social. O proletariado seria o ponto sintomal da história, a (não) classe social que, gerada pelos desenvolvimentos econômicos do capitalismo, teria como destino derrubá-lo. Determinado pelas estruturas do capital que o reduz ao puro negativo da mercadoria-trabalho, não sendo nada, o proletariado deveria se tornar tudo. Mas foi justamente a falha do proletariado em cumprir sua missão histórica, pelo menos na experiência comunista da URSS e nos seguidos reveses sofridos pelos Estados de orientação socialista, após os anos 80, que forçou novamente o pensamento a enfrentar esta questão: afinal, onde está o sujeito? Note, então, a dupla vertente da questão do sujeito tal como exposta no início desta reflexão: existe, de um lado, um profundo interesse filosófico na questão, como todo o caráter abstrato que ela carrega, mas, de outro, suas articulações refletem igualmente uma ambição político/ideológica, uma busca pelos agentes ou pelos caminhos da emancipação.

De onde que a derrocada político/ideológica do socialismo real ensejou uma crise de sua base filosófica fundamental, o materialismo dialético – o que exploraremos melhor adiante -, como também deu extraordinária força à onda neoliberal, sumariamente neopositivista, que se seguiu. Para os neoliberais, a resposta para a questão do sujeito está sempre na ponta da língua. Ele está onde sempre esteve, no racional e na ciência positiva, no indivíduo e nas suas “livres escolhas” – sobretudo mercantis -,

1 Destaquemos somente algumas, como Althusser e os aparelhos ideológicos de Estado, os problemas da subjetividade e da razão crítica na Escola de Frankfurt, a questão do sujeito de direito e sua relação com a forma-mercadoria em Pachukanis, entre muitas outras.

tal como assentado pelas bases modernas e burguesas de nossa sociedade ocidental. De se lamentar, somente, pensam os adeptos do neoliberalismo, os desvios fascistas e comunistas do início do século XX que durante tanto tempo obscureceram a evidência da razão individual e da forma parlamentarista/democrática como ideal político. Se o iluminismo foi uma revolução, o foi sobretudo como forma de afirmar o indivíduo e a razão, e as sucessivas convulsões sociais e políticas que se seguiram, da Revolução Francesa à Comuna de Paris, da Revolução de 1917 ao *Terceiro Reich* de Hitler, não foram todos senão – sem qualquer distinção real de suas características mais profundas - desvios utópicos de potencial totalitário que, se espera, estavam definitivamente sepultados com o fim da União Soviética (nada obstante as sombras da Revolução Chinesa ...).

Esse contexto histórico, para nós, tem uma importância fundamental para enxergarmos porque, naquele momento, e estamos nos situando entre os anos 60 a 90 do século passado, após as convulsões de Maio de 68 e a crescente descrença com o socialismo real, se intensificam os debates em torno da questão do sujeito em sua relação com o materialismo dialético, sobretudo no contexto francês.

Foram muitos os pensadores que se debruçaram, filosoficamente e politicamente, sobre essa questão, desde Althusser e uma releitura radical do marxismo a partir do estruturalismo, passando por Deleuze e o vitalismo, pela psicanálise tão árida quanto revolucionária de Jacques Lacan, como também por Alain Badiou, que entendemos ser um pensador especialmente relevante em suas intervenções sobre o sujeito e que pretendemos retomar mais à frente, até as profícuas análises arqueológicas de Foucault. Não queremos aqui dar primazia ao debate francês sobre tantos outros. Mas gostaríamos de destacar que praticamente todos naquele contexto, de Deleuze em *O anti-édipo* e a esquizoanálise, Foucault em *História da Loucura* e muitos outros trabalhos, Lacan, por óbvio, e as leituras que deste fez Badiou, *se interessaram e debateram, profundamente, a relação entre a psicologia, a ciência, a filosofia e o homem, buscando uma reconstrução da tradição filosófica diante de um materialismo dialético em ruínas*. Nesse sentido, a própria psicanálise – enquanto notável tentativa de pensar a subjetividade moderna - é colocada na ordem do dia, como também, à

prova do pensamento. Deleuze e Guattari teceram fortes críticas à tradição freudiana, enquanto, de outro lado, Lacan urgia por um “retorno a Freud”, traçando as linhas de um pensamento novo da psicanálise através da linguagem e do estruturalismo. Alain Badiou, no prefácio do livro *A Aventura da Filosofia Francesa*, traça com precisão a relação entre a filosofia e a psicanálise naquele momento da inventiva intelectualidade francesa:

Resulta disso que toda a filosofia francesa contemporânea empenhou-se em uma grande e severa discussão com a psicanálise. Essa discussão, na França, na segunda metade do século XX, é uma cena de grande complexidade. Por si só, essa cena (esse teatro) entre a filosofia e a psicanálise é absolutamente reveladora. É que sua aposta fundamental é a divisão de duas grandes correntes da filosofia francesa desde o início do século.

Retomemos essa divisão. Temos, de um lado, um vitalismo existencial que tem sua origem em Bergson e que certamente passa por Sartre, Foucault e Deleuze; de outro lado, temos o que eu chamaria de um conceitualismo das intuições, que autoriza sua projeção formal, que encontramos em Brunschvicg e que passar por Althusser e Lacan. O que cruza ambos, o vitalismo existencial e o formalismo conceitual, é a questão do sujeito. Porque um sujeito é, finalmente, aquilo cuja existência porta o conceito. Ora, em certo sentido, o inconsciente de Freud ocupa exatamente esse lugar: o inconsciente também é alguma coisa de simultaneamente vital e simbólico, que porta o conceito.

[...]

Eis o que é extraordinário, eis o que é sintomal: três grandes filósofos, Bachelard, Sartre e Deleuze, propuseram substituir a psicanálise por outra coisa. Mas poderíamos demonstrar que Derrida e Foucault alimentaram a mesma ambição [...] (Badiou, 2015, p.16)

Talvez o exemplo mais interessante, para o que estamos desenvolvendo no momento, seja o caso de Michel Foucault. Em nenhum outro pensador daquele momento a ambiguidade do pensamento acerca da questão do sujeito foi tão bem exposta. Foucault, ao empreender uma profunda análise arqueológica sobre as raízes modernas das ciências humanas, vai encontrar na noção de sujeito um ponto fundamental para se pensar a crise e as ambiguidades existentes nos desenvolvimentos das ciências do homem. Lembremos que em seu texto *“O Sujeito e o Poder”*, Foucault, notoriamente conhecido por seus estudos sobre a relação entre o

saber e o poder, vai enfatizar que sua questão sempre foi essa, a do sujeito: “Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa” (Foucault, 1995, p. 232).

No entanto, Foucault será, no geral, um profundo crítico da noção de sujeito, ao situá-la na origem de um crescente paradigma de dominação do homem pelo saber. Como bem explica José de Almeida Prado Arêdes em *Foucault: da Morte do Sujeito ao Sujeito da Morte*, Foucault analisa a questão do sujeito essencialmente em dois momentos diferentes, sendo a primeira:

[...] aquela em que o jogo de verdade eleito por Foucault é o da constituição do sujeito como *objecto* de conhecimento, e se subdivide em: a) o sujeito como *objecto das Ciências Humanas*, ou o modo como o sujeito *falante, trabalhador e vivo* se tornou questão científica (*a arqueologia do saber*); b) o sujeito como o outro da normalidade/normatividade: o modo como foi constituído e estudado como louco, doente e delinquente (*a genealogia do poder*);” (Arêdes, 1996, p. 40)

Encontramos na arqueologia foucaultiana o reconhecimento de uma espécie de “pecado original” nas ciências, que pode ser situado a partir de Descartes. Ao conjugar “cogito” e “sum”, ou seja, ao confundir/identificar o Homem e a Razão, Descartes encaminhou a identificação do homem com o reino das representações, tornando assim o homem o supremo *objeto* da ciência, inclusive, e talvez acima de tudo, das ciências humanas. Imaginando libertar os poderes universais da Razão, Descartes, ao contrário, é o predecessor máximo do esquecimento do corpo e de sua realidade. É nítida, nesse ponto, a influência de Nietzsche no pensamento foucaultiano, que não por acaso lembra aqui também a crítica de Heidegger à metafísica e ao esquecimento do Ser. Outras vertentes filosóficas também lembram aqui o problema de Foucault, como Adorno e Horkheimer em sua crítica da razão instrumental. Ainda assim, temos que é Foucault quem explicita de forma mais contundente a ambiguidade do conceito de sujeito diante de sua crítica pós-moderna. Demonstrando como o pensamento cartesiano havia em verdade reduzido o homem ao abstrato da representação, como através do pensamento moderno acerca do sujeito o homem havia se tornado o objeto último de um saber, a ambiguidade da ideia de sujeito chega, em

Foucault, ao seu máximo. Sujeito ou objeto? Assujeitado ou subjetivante? Passivo ou ativo? Não por acaso a solução será uma espécie de “volta para dentro” com os desenvolvimentos finais de Foucault sobre uma ética do “cuidado de si”, quase como se o indivíduo tivesse de ser ao mesmo tempo, sujeito e objeto de sua autorrelação, o momento segundo de Foucault tal como nos descreve *José de Almeida Prado Arêdes*:

“Aquela em que o sujeito passa de voz passiva a activa, em que o jogo de verdade eleito é a história da subjectividade, a história das maneiras como o sujeito faz experiência de si mesmo num jogo de verdade em que se reporta a si, isto é, o modo como se constitui, ou o sujeito como objecto de saber para si próprio e objecto de constituição por si próprio, não já em termos gnosiológicos, mas ontológicos (a arqueologia do sujeito). (Arêdes, 1996, p. 41)

A crítica da relação entre a ciência e o homem alcançaria inclusive o marxismo – e, portanto, ao materialismo dialético - que, afinal de contas, nunca deixou de lado sua pretensão à ciência. O marxismo, ao reduzir o sujeito ao proletariado, ou, melhor dizendo, ao homogeneizar a irreduzível individualidade a uma *classe histórica* em sua pretensão de organizar uma “ciência do proletariado”, abriu as portas para o totalitarismo-disciplinarismo stalinista e seu método histórico-dialético “mecanizado”. É claro, estamos fazendo aqui uma considerável redução do fenômeno stalinista, mas entendemos ser muito importante compreender que no contexto do pensamento francês o “desastre” do socialismo real deveria ser lido também como um desastre de seus discursos e filosofias correlatas, sobretudo, portanto, do materialismo dialético como forma de pensamento.

A obra de Foucault, no entanto, nos deixa diante de um impasse, insuficientemente respondido, em nossa visão, por sua ética do “cuidado de si”. Se não podemos pensar o sujeito somente na vertente de sua redução ao objeto de um saber, onde estaria o sujeito? E, lembremos, esta questão detinha, como ainda detém, um duplo agulhão. *Histórico*, quando a pergunta está no sentido de “quem faz a revolução? Quem é o criador na História?”, questão que se apresenta em toda sua urgência em tempos de fracasso comunista e dispersão do proletariado nos subúrbios do ultra capitalismo tecnológico e de precarização do trabalho. *Epistemológica*,

quando o ponto que se levanta é “no que o sujeito não é redutível ao saber”, como situar o sujeito para além do método científico de conhecimento e sua universalidade abstrata, desumanizante e impotente? Esta resposta deve ser, como qualquer teoria que se pretenda revolucionária e engajada em seu tempo, *materialista*.

Todavia, normalmente, o enfrentamento da crescente ideologia neoliberal tende a ser feito através de um resgate da tradição materialista-dialética. Estamos de acordo que a tradição “dialética” deva sim ser retomada, mas de forma crítica, senão estaremos simplesmente retomando o método marxista/hegeliano *sem qualquer historicidade tanto quanto ao longo percurso político e material deste método durante o século XX, nas experiências socialistas e comunistas, cujo balanço crítico ainda é um tema árduo e necessário para a política revolucionária, como também estaremos deixando de lado a profunda crítica e releitura que este mesmo método sofreu no contexto francês*. Em outras palavras, não estamos argumentando que a tradição materialista-dialética, em suas muitas vertentes, deva ser abandonada ou rejeitada. Muito pelo contrário, entendemos por necessário se filiar a essa tradição por diversas razões, tanto teóricas como políticas. Mas pensamos também que seja de suma importância visualizar que a questão do sujeito, e, portanto, uma certa centralidade da própria dimensão psicológica/subjetiva no debate, *(re)emerge justamente no contexto de uma crise do materialismo dialético, diretamente ligada a uma questão histórica (fracasso da política comunista “oficial”), e uma crise epistemológica, com a crítica das ciências humanas*.

E é dentro deste contexto de crise filosófica que Badiou, no final dos anos 90, após refletir longamente sobre os caminhos que a filosofia deveria seguir para reencontrar seu lugar, vai propor uma integral recomposição da filosofia a partir do que chamou de *condições da filosofia*: a arte, a ciência, a política e o amor. Estas eram, segundo Badiou, as áreas cujos acontecimentos contemporâneos deveriam ser sopesados e refletidos para que uma nova configuração da relação entre Ser, Verdade e Sujeito pudesse surgir. Um passo na reflexão cartesiana sobre o sujeito, após um século de crítica e desconstrução, para sua renovação.

Razão pela qual Alain Badiou irá colocar, em seu seminário *Verdade e Sujeito*, que a tarefa da filosofia é a de pensar, em compossibilidade, três grandes acontecimentos que percorreram o nosso século XX:

Acontecimento matemático. Aquilo que está em jogo depois de Cantor, sob os nomes de Gödel e de Cohen, quanto a devir da teoria pura do múltiplo Evento artístico. Ele é mais secreto. É a questão do fim da era dos poetas, cujo profeta foi Hölderlin e que se fechou, se realizou, em torno de seis nomes: Mallarmé, Rimbaud, Trakl, Pessoa, Mandelstam, Celan. Nesse período são os poetas que pensaram o tempo. Nós temos que agarrar o fim dessa prevalência secreta do poema. Eu tenho que Celan pode ser designado como o último poeta dessa era.

Evento político. Catástrofe do marxismo oficial, e injunção de ter de formular, sob o signo do comunismo continuado, um outro pensamento da política. (Badiou, 2017, p. 18/19)

Assim, o momento urge por uma nova abordagem da questão do sujeito, a ser repensada sob a ótica dos acontecimentos políticos (catástrofe do marxismo oficial), científicos (a revolução cantoriana na teoria dos conjuntos), artísticos (fim da era dos poetas) e amorosos (ao que Badiou vai ligar o surgimento da psicanálise) (Badiou, 1991). Isto ao menos para aqueles que estão preocupados com o futuro da tradição materialista revolucionária, pois sem a referência a esses processos a filosofia permanece vazia ou distante das verdades e das criações que devem lhe instruir.

Zizek, por sua vez, vai propor um retorno à Hegel a partir da psicanálise lacaniana para que conceitos fundamentais do materialismo dialético – como negativo, substância, objeto, além do próprio sujeito – sejam repensados, possibilitando uma revigoração e uma atualização das bases filosóficas que orientaram a ação socialista e comunista ao longo dos séculos XIX e XX.

Destacaremos, à frente, as principais características dessas propostas de reconstrução da filosofia e do materialismo dialético, mas antes gostaríamos de abordar um ponto que tanto para Zizek como para Badiou se mostrou fundamental para que a questão do sujeito perdesse relevância

ou fosse tida como superada no período filosófico que se seguiu à crise do materialismo dialético, e cuja desconstrução se fazia necessária: a primazia, no pensamento, da questão da linguagem.

A VIRADA LINGUÍSTICA

Isto porque, para alguns, em vez de uma recriação do materialismo dialético, todo o foco se voltará para a questão da linguagem. Ultrapassadas as correntes revolucionárias e utópicas que levaram aos desastres do começo do século XX, tendo sido assentado que a política agora se daria definitivamente dentro dos quadros democráticos e eleitores, ora mais à esquerda, ora mais à direita, a atenção agora deveria se voltar para a linguagem como meio de comunicação e produção de sentido nas relações sociais. A centralidade da questão da linguagem se deu em concomitância com o esquecimento, ou ao menos uma abordagem muito mais tímida, da questão do Sujeito, que no mais das vezes restou concebida como parte da ultrapassada metafísica moderna. Se o Sujeito era, para a modernidade, um ponto focal da experiência, uma garantia da verdade, ou uma moralidade como formalismo atemporal (Badiou, 2015), o mundo pós-moderno, da experiência continuada e multifacetada, carente de qualquer critério minimamente satisfatório de verdade ou moralidade, não precisava mais de uma metafísica do sujeito, mas sim, de uma filosofia da linguagem, entendida como mediadora universal da relação entre o homem e o mundo. Assim Alain Badiou caracteriza as “três negações de nosso tempo”, em seu seminário *Verdade e Sujeito*:

Negação da filosofia, concebida historicamente como aquilo que junta em uma metafísica o tema do pensamento e o tema do ser. É uma proposição heideggeriana, e em todo caso hegemônica, mesmo em seu contrário aparente.

Negação do sujeito, seja ele colocado em qualquer um de seus avatares modernos, a saber como sujeito da ciência (o sentido do sujeito cartesiano), como sujeito da história (no sentido hegeliano-marxista), ou como sujeito do inconsciente (no sentido de Freud).

Negação da verdade, pois não há senão os jogos da linguagem, disparates, indecíveis. O pensamento não é um princípio de julgamento, mas de circulação. (Badiou, 2017, p. 13)

O resultado de um pensamento que reconhece a supremacia da linguagem contra as pretensões “totalitárias” da filosofia e sua busca ilusória da Verdade, e que nada quer saber do sujeito, reduzido à quimera metafísica, é, para Badiou, um idealismo discursivo ou, como diz em *Lógicas dos Mundos*, o materialismo democrático de nossos tempos, para o qual “não há senão corpos e linguagens” (Badiou, 2006). Esta é então a ideologia espontânea de nossos tempos. Leis, sistemas e/ou culturas de um lado, corpos atravessados pelas linguagens do outro, silogismos lógicos e gramaticais, teorias da interpretação, nada existe fora da grande ontologia do ser formado pela relação entre linguagens e corpos. E democrático porque conhece como horizonte político tão somente a forma capital-parlamentarista dos Estados modernos como reflexo desta mesma visão que reconhece no mundo somente a existência de corpos submetidos à administração política técnico-racional (Badiou, 2006). Não é difícil enxergar, nesse ponto, a famigerada visão ideológica de uma sociedade tecnocrática desprovida de “sujeitos”, de cunho orwelliana, governada pela pura linguagem automatizada dos algoritmos e da computação. O mais difícil é enxergar que essa mesma visão é só o anverso da utopia democrática de um governo “impessoal” das leis, ou de uma relação harmoniosa entre o homem e a linguagem como seu meio de expressão.

Todavia, a lição mínima que podemos tirar de Lacan é que a relação entre homem e linguagem é marcada de forma indelével pelo *sujeito*. Entende-se ser importante marcar este ponto, já que é em Lacan que os dois filósofos contemporâneos já citados - Slavoj Žižek e Alain Badiou – irão encontrar os fundamentos e as reflexões necessárias para uma reinvenção contemporânea da questão do sujeito, como uma forma de escapar ao reducionismo linguístico que predominou após a crise do materialismo dialético.

Assim, na visão psicanalítica de Lacan, o homem não está simplesmente “imerso” na linguagem, se valendo dela como meio de relação com as coisas ou de comunicação social. O sujeito não fala, ele é falado pela

linguagem, e se apresenta, antes, nas suas inconsistências, e não ali onde supostamente se expressa livremente. A condição primeira para o surgimento do sujeito é a sua *alienação*, uma vez que é na relação com o Outro que as questões estruturantes da fala e da linguagem para a subjetividade serão colocadas. Assim, para Lacan, o homem não pode estar em “plena harmonia” com a linguagem, na medida em que a palavra é também *a mensagem e, portanto, o lugar do enigma do (desejo do/no) Outro*. Nas palavras de Slavoj Žižek:

Essa também é a principal razão por que Lacan – contra a historicização heideggeriana do sujeito como agente do domínio tecnológico na Era Moderna, contra a substituição do “sujeito” pelo *Dasein* como nome para a essência do ser humano – prendeu-se ao problemático termo “sujeito”. Quando sugere que Heidegger deixa escapar a dimensão crucial da subjetividade, Lacan não tem em mente o argumento humanista tolo de que Heidegger “passiviza” excessivamente o homem, transforma-o em um instrumento da relativização do Ser, ignora assim a criatividade humana etc. Ao contrário, a questão é que Heidegger deixa escapar o impacto particularmente traumático da própria “passividade” de nosso ser preso na linguagem, a tensão entre o animal humano e a linguagem: existe um “sujeito” porque o animal humano não “se encaixa” na linguagem, o “sujeito” lacaniano é o sujeito torturado, mutilado. (Žižek, 2013, p.506)

Para Lacan, a entrada na ordem simbólica deixa uma marca indelével na experiência psíquica do indivíduo, uma marca chamada sujeito. Há na linguagem algo de terrivelmente violento, fruto da redução brutal da multiplicidade da realidade ao Um do significante. Não há para o homem uma passagem “natural” para o mundo da linguagem, nem uma “harmonia” possível entre o seu ser e os discursos em que está inserido, pois a própria entrada na linguagem, enquanto ser falante que é, passa por uma condição estruturante chamada sujeito. Então, para Slavoj Žižek, e nesse ponto seguindo a tradição francesa que acima destacamos, a retomada do materialismo dialético passa inevitavelmente por uma retomada da questão do sujeito, muito como crítica da chamada “virada linguística” e pós-moderna, ocorrida na segunda metade do século XX. (Žižek, 2013)

Este também será o caminho, ainda que em outras direções, de Alain Badiou, dado que, se ele define o materialismo democrático através

do axioma contemporâneo “só há corpos e linguagem”, a isso ele irá opor seu próprio axioma, “só há corpos e linguagem, *senão que há verdades*”. E esta é, segundo Badiou, uma posição intransigentemente *materialista*:

Não há nenhuma dúvida no que concerne à existência de verdades, as quais não são nem corpos, nem linguagens, nem combinações dos dois. E essa evidência é materialista, uma vez que ela não requer nenhuma cisão dos mundos, nenhum lugar inteligível, nenhuma “altitude”. Em nossos mundos, tais quais, procedem as verdades. Elas são, essas verdades, corpos incorpóreos, linguagens desprovidas de sentido, infinitos genéricos, suplementos incondicionados. Elas advêm e permanecem suspensas, como a consciência do poeta, “entre o vazio e o acontecimento puro. (Badiou, 2016, p. 12)

E por isto que, para Alain Badiou, um materialismo dialético contemporâneo só pode ser um pensamento que, contra a doutrina atual do “fim das verdades”, busque uma nova relação entre o Ser, o Sujeito e a Verdade. Nesse ponto, é interessante notar que no prefácio de *Lógicas dos Mundos*, Badiou afirma ter hesitado antes de colocar seu projeto em linha com a tradição do materialismo dialético (Badiou, 2006). De fato, existe atualmente uma certa acomodação do método dialético, sobretudo em função da primazia da linguagem, como acima destacamos. O que poderia ser mais dialético do que a relação entre o homem e a linguagem, entre a ação e o pensamento, entre as informações que a linguagem carrega em face das contradições que a realidade concreta apresenta ao indivíduo? O ponto é que a relação entre corpos e linguagem, ou, talvez ainda, a relação entre os corpos e os campos discursivos/ideológicos parece se encaixar perfeitamente com um certo entendimento da dialética como antagonismo ou contradição entre a realidade material e a linguagem que busca expressá-la, ou do Ser como constante movimento de contradição e transformação do homem em meio aos discursos dominantes e à circulação dos saberes, sem qualquer critério ou conceito de verdade possível.

A saída de Badiou, no entanto, será estabelecer a verdade, ou melhor, os processos de criação *das verdades* – no plural –, como momentos de *exceção* aos saberes estabelecidos e aos discursos dominantes, que estruturam as hierarquias sociais, segregam corpos e perpetuam as

desigualdades. E sujeito será o nome do operador – tanto coletivo como individual – dessa invenção, sempre local no seu processo, mas universal naquilo que oferece a toda a humanidade.

É notoriamente importante, portanto, uma teoria mais aprofundada da questão do sujeito, tal como fez Lacan, na psicanálise, inclusive pensando profundamente as relações do indivíduo com a linguagem. Todavia, as especificidades que envolvem o processo psicanalítico foram fundamentais para que Lacan pensasse a questão do sujeito a partir de processos e conceitos bastante particulares e que demandam uma série de mediações e reflexões para sua extensão a outros campos do pensamento. Não estamos afirmando, que as teorias lacanianas deveriam ser mantidas dentro do estrito quadro psicanalítico, mas, antes, que a passagem de um lugar para outro, do quadro da análise para o político ou o artístico, por exemplo, deve ser mediado para que ambos os campos pudessem se enriquecer do acúmulo de cada qual, e neste ponto as obras de Žižek e de Badiou podem ser de bastante valia na reconstrução de uma teoria do sujeito à altura dos desafios contemporâneos.

DOIS POSSÍVEIS CAMINHOS PARA UMA NOVA TEORIA DO SUJEITO

Então, dentro deste plano geral descrito de crise do materialismo dialético e de apogeu da ideologia neoliberal, gostaríamos de destacar duas propostas que podem servir de caminho para que a questão do sujeito seja repensada e assim reconstruído o materialismo dialético, que é exatamente a pretensão explícita tanto de Žižek quanto de Badiou em suas obras. Estes não são os únicos caminhos, obviamente. A questão é profícua demais para que possa ser resumida a esses autores e suas teorias, mas entendemos que no geral esses temas têm sido pouco explorados e que são importantes de serem abordados através de um materialismo consequente, como compreendemos ser o caso desses dois pensadores. Igualmente, suas teorias apontam para questões que o pensamento contemporâneo pretendia ter abandonado na sua superação da metafísica -superação calcada na

evidência da linguagem, como vimos acima - além de carregarem um viés político e ideológico de retomada e reconstrução da hipótese comunista como horizonte de pensamento e ação.

O primeiro ponto é, e já fizemos referência a ele no tópico anterior, que a abordagem da questão do Sujeito não pode deixar de lado a questão da Verdade. Talvez até possa, mas as consequências serão bastante perigosas, uma vez que o sujeito estará novamente submetido à correnteza da linguagem, da opinião e do relativismo. Como vimos, para Badiou, o sujeito é inseparável da questão da verdade. Contudo, mais ainda, para ele *só há Sujeito na medida em que há ao menos uma verdade em devir*. Em seu livro *O Ser e o Evento*, Badiou vai desenvolver sua tese ontológica essencial, fundamentada na teoria dos conjuntos e na revolução matemática de Georg Cantor acerca dos diferentes infinitos, de que uma verdade é um acontecimento, uma novidade em uma determinada situação (Badiou, 1996). E como novidade, não encontrará na linguagem estabelecida daquela situação as palavras que possam nomeá-la, de onde sua natureza de *multiplicidade genérica*. O acontecimento de uma verdade é, parafraseando Lacan, quando o impossível acontece. E o sujeito será definido então como *ponto de articulação dessa verdade*. Citemos Badiou, em seu livro *Metafísica da Felicidade Real*:

Aquilo que eu de minha parte tentei mostrar em outro lugar, é que o nó racional da singularidade, do evento e da verdade constitui por ele mesmo uma nova doutrina possível do sujeito. Contra a ideia de que o sujeito co-pertence à metafísica e deve ser como tal desconstruído, eu enuncio que, na medida que o sujeito é concebido como o diferencial último onde se são atados racionalmente singularidade, evento e verdade, nós podemos e devemos propor ao pensamento e ao mundo uma nova figura do sujeito, cuja máxima seria no fundo a seguinte: um sujeito é singular porque é sempre um evento que o constitui em uma verdade. Ou ainda, um sujeito é de uma só vez um lugar de racionalidade possível e aquilo que nós poderíamos chamar o ponto de verdade de um evento. (Badiou, 2015, p. 32)

Além de *O Ser e o Evento*, Badiou também lançou *Lógicas dos Mundos* e *A Imanência das Verdades*, como obras em que a discussão do Ser, do Sujeito e da Verdade são desdobradas em muitas de suas facetas

ontológicas, lógicas epistemológicas e, sobretudo, filosóficas. Nosso ponto, neste momento, é chamar atenção, porque talvez isto seja mesmo o principal da obra de Badiou, do amplo tratamento que ele dá à questão da verdade. Sua maior audácia, principalmente para a análise mais geral que estamos fazendo aqui, é recuperar a ideia da Verdade, em seu âmbito filosófico e em sua direta relação com o sujeito, porque, de certa forma, “concepções” sobre o sujeito, por mais precárias que sejam, sempre existem. Mesmo em Lacan a concepção da verdade, embora também bastante ligada à questão do sujeito, no mais das vezes nos remete ao problema do sujeito da enunciação e à castração simbólica, da verdade como “furo no saber”. Badiou está de acordo que a verdade seja um furo no saber, mas sua teoria, mais voltada para o evento e os processos subjetivos que podem encarnar uma verdade, busca determinar uma forma de construção e ação *a partir daquilo que adveio como indiscernível ao saber*, ali onde o sujeito é convocado a assumir as consequências de um evento (Badiou, 1996). A reconstrução do materialismo dialético e da questão do sujeito passa inevitavelmente, portanto, por uma teoria que afirme a existência das verdades e possibilite ao pensamento a afirmação racional e demonstrativa dessa mesma existência.

E, por último, uma questão que julgamos importante para repensar o materialismo e a dialética, é a da negatividade. Essa é uma questão central em Hegel, “pai” da dialética moderna, e que, em nossa compreensão, foi bastante apagada pela “inversão materialista” marxista, ou talvez pelo menos nas tradições que a sucederam². O negativo é uma peça-chave da leitura hegeliana do Sujeito, mas que aos poucos foi cedendo lugar para uma leitura muito rápida da negatividade como contradição ou antagonismo histórico. Para esse ponto de vista, a dialética seria uma espécie de luta entre opostos, na qual o objetivo é sempre superar o adversário histórico na luta política ou no antagonismo social. As consequências dessa visão – que se apresenta mais como um senso comum filosófico do que como uma

2 Devemos ressaltar aqui, sem dúvidas, Adorno e suas reflexões sobre a dialética negativa. Todavia, neste texto preferimos focar somente na contribuição de Žižek ao debate sobre a negatividade, já que grande parte de seu empreendimento filosófico está focado em uma releitura direta de Hegel a partir de Lacan, sem mediação expressa pelas reflexões de Adorno, que adicionaríamos, assim, uma camada de complexidade ao tema cuja exploração, certamente válida, não teremos espaço suficiente para desdobrar neste texto.

teoria propriamente dita, a nosso ver – tem sido um voluntarismo político que enxerga por todos os lados tensões onde se faz necessário estar “do lado certo da História”. Nesse ponto, entendemos que o avanço é dado pela obra de Slavoj Žižek, filósofo já bastante conhecido no cenário intelectual e político, com grande desenvolvimento sobre a questão do Sujeito a partir da obra de Jacques Lacan.

A proposta de Žižek é, em linhas gerais, de um retorno a Hegel através de Lacan, para que seja pensada novamente a questão do materialismo a partir de seu pai “morto”. Pai morto porque foi justamente ao deixar a casca supostamente idealista de Hegel que o materialismo compreendeu ter alcançado sua lógica. A inversão marxista de Hegel, deve, assim, para Žižek, ser repensada, para que as inconsistências da luta política e da filosofia contemporâneas sejam expostas (Žižek, 2014). Nesse ponto, a questão do sujeito será novamente de suma importância para Žižek, justamente na medida em que o relativismo pós-moderno, normalmente grande opositor do pensamento hegeliano, afastou os grandes temas da metafísica. Não por outra razão irá afirmar, em seu livro *Recolhimento Absoluto*, “cuidado com todas as tentativas muito fáceis de “superar” a metafísica!” (Žižek, 2014, p. 179).

E a questão da negatividade será central para repensar a figura do sujeito. Žižek por diversas vezes irá aproximar o sujeito da figura da pulsão de morte em Freud. Longe de ser o ponto de razão universal ou de autoconhecimento do indivíduo, a pulsão de morte aponta para o núcleo propriamente inumano do homem:

Nesse sentido exato, podemos aceitar a fórmula de que a humanidade passará/tem de passar à pós-humanidade – estar inserido num mundo simbólico é a definição de ser-humano. E nesse sentido também, a tecnologia é a promessa de libertação pelo terror. O sujeito que surge nessa e por essa experiência de terror, em última análise, é o próprio cogito, o abismo de negatividade autorreferencial que forma o âmago da subjetividade transcendental, o sujeito acéfalo da pulsão (de morte). É o sujeito propriamente inumano. (Žižek, 2011, p. 447)

O sujeito como a face propriamente inumana do humano nos leva a pensar os limites da abordagem dita humanista ou histórica. O “abismo de

negatividade” é aquilo que faz com que o homem nunca seja simplesmente uma parte da natureza ou de uma situação social. Se o homem pode ser criador, é porque o espaço simbólico abre um espaço mínimo de *indeterminação* – e não só de contradição -, ali onde um sujeito é possível. A pulsão de morte, enquanto âmbito da negatividade subjetiva, faz com que o homem nunca possa ser reduzido somente a um animal adaptado ao seu meio ou a um dado momento histórico/social, pois que sua própria existência, irremediavelmente imersa no simbólico, é marcada por um excesso “irracional”, inseparável da sua condição de sujeito.

De onde que o sujeito aparecerá em meio às fissuras simbólicas e ideológicas existentes nos discursos dominantes, ali onde as inconsistências inerentes das formas capitalistas rompem as fantasias de “paz e liberdade” que as democracias ocidentais pretenderam impor ao mundo globalizado. Aquecimento global e crise climática, reaquecimento das guerras imperialistas - em verdade jamais interrompidas - e elevação da instabilidade mundial, superpopulação combinada com crises estruturais da economia capitalista hiperfinanceirizada, é diante dessas negatividades que o sujeito aparece como possibilidade de reconfiguração do espaço ideológico e político na busca de novas formas do comum.

Sujeito como mediação finita de uma verdade infinita, sujeito como negatividade imanente, dois caminhos colocados para a reconstrução do materialismo dialético e a reativação de um pensamento acerca do sujeito. E, como lado político e ideológico dessas propostas, retomada da hipótese comunista como possibilidade de ressurgimento das políticas emancipatórias radicais e em franca oposição ao capitalismo global, para Badiou, e esperanças paradoxais de uma reconstrução da política comunista diante de um capitalismo tardio com suas múltiplas vertentes de ameaça à existência da humanidade – superpopulação, crise climática e neofascismos -, sem qualquer garantia histórica de sua superação -, em Žižek.

Encerra-se este artigo com um comentário sobre o fato de que as especulações aqui trazidas são mais de cunho filosófico do que propriamente “psicológicas”. Obviamente as diferenças entre a psicologia e a filosofia dariam um tratado e tanto, mas o que julgamos importante destacar é que o conceito de sujeito esteve bastante ligado à psicologia no último século,

notadamente no contexto francês, como já destacamos. Neste sentido, seja através do rigor estruturalista/logicista de Jacques Lacan na psicanálise, como também de diversas outras linhas da psicologia, como o próprio trabalho de Silvia Lane, no Brasil, e muitos outros psicólogos sociais e pesquisadores que a seguiram, a manutenção da questão do sujeito e de suas potencialidades, por maior que fosse a pluralidade de entendimentos, restou assegurada por uma militância teórica e política que se viu diante de questionamentos advindos de diversas outras frentes, tais como acusações de “idealismo” partindo das linhas ortodoxas marxistas ou dos cognitivistas biologizantes. Mas que a questão do sujeito estivesse notoriamente ligada à psicologia não deixou de ser também uma “psicologização” do conceito, ou, como entendemos, uma certa coincidência, ou ao menos uma confluência, entre sujeito e indivíduo. Atravessar a psicologia com os novos pensamentos filosóficos sobre o sujeito (e destaca-se para isso Alain Badiou e Slavoj Žižek, mas outros seriam possíveis) tem, então, a potencialidade de trazer, mais do que somente a questão do sujeito, mas também a da *Verdade*, já que uma visão “psicológica” da Verdade é algo que realmente não parece ser muito adequado. Assim, filosoficamente, um conceito sobre a verdade pode ser desdobrado sem o temor do subjetivismo que marca a perspectiva psicológica, onde a questão tende a se direcionar à verdade enquanto juízo – ilusório ou real – do indivíduo, ou a um certo estado de sua consciência. Em outras palavras, é na medida em que a filosofia pode trabalhar um conceito de verdade *separado* da questão da consciência e da psique humana – tal como faz Badiou³ - que ela pode contribuir com novas perspectivas sobre o sujeito para a psicologia crítica.

Assim, quando Silvia Lane se pergunta “*inventar o quê?*”, meditando em que medida o homem é um criador (Lane, 2000), podemos dizer que *as*

3 Destacamos abaixo um trecho de seu seminário *Teoria Axiomática do Sujeito* onde Badiou fala da necessidade de separar a questão do sujeito daquela da consciência, que relaciona com as tendências teóricas da psicologia:

“Podemos dizer assim com autoridade que não há teoria do sujeito senão na medida em que há teoria da disjunção sujeito/consciência, uma teoria que, com grande reforço desse vasto movimento crítico de quais dois séculos, pode arrancar pouco a pouco a categoria de sujeito do espaço psicológico. Para o instante, eu mantereirei que há necessariamente teoria do sujeito na medida em que há operações disjuntivas entre sujeito e consciência e que esse primeiro gesto é um gesto anti-psicológico” (Badiou, 2019, p. 20).

verdades, quando elas existem, são processos através dos quais os homens são convocados à (re)criação das políticas igualitárias, das descobertas científicas, das formas das artes e dos caminhos do amor. As verdades são as criações coletivas da humanidade a que qualquer um pode ter acesso para recriá-las e desdobrá-las em novos contextos históricos, por mais perversos que pareçam. Uma obra-verdade tem o poder de ultrapassar o seu estrito âmbito histórico/social e alcançar o Absoluto do qual o homem, sem a necessidade de qualquer mediação de Deus, é capaz. Uma Verdade, na medida que coloca em processo um Sujeito, é algo que ultrapassa em muito os limites psicológicos de um indivíduo, como também os limites históricos e temporais de uma comunidade estrita:

Nós somos aí guiados - como Hegel o foi no contexto criado pela Revolução Francesa e as guerras napoleônicas - por uma conjuntura contemporânea que, se acreditando assegurada de seu fundamento (o materialismo democrático) move contra a evidência das verdades um combate propagandista em todos os momentos. Combate do qual nós já conhecemos os pontos significantes: “modéstia”, “trabalho em equipe”, “fragmentário”, “finitude”, “respeito ao outro”, “ética”, “expressão de si”, “equilíbrio”, “pragmatismo”, “culturas” [...]. Todos recapitulados em uma variante antropológica, portanto restrita, do axioma do materialismo democrático, variante que pode se dizer: *Não há senão indivíduos e comunidades.*

A esse enunciado, o pensamento do quarteto: ser, aparecer, verdade, sujeito, pensamento do qual esse livro completa a construção, opõe a máxima da dialética materialista:

A universalidade das verdades se sustenta de formas subjetivas que não podem ser nem individuais, nem comunitárias.

Ou:

Na medida em que ele é de uma verdade, um sujeito se subtrai a toda comunidade e destrói toda individuação.” (Badiou, 2006, p. 16-17)

Assim, se há uma lição que Badiou quer transmitir, é que para muito além da existência fugaz como indivíduo, qualquer um é capaz, enquanto sujeito, de desdobrar novas Verdades em prol de toda a humanidade.

REFERÊNCIAS

- Arêdes, J. A. P. (1996). *Foucault: Da morte do Sujeito ao sujeito da morte*, Revista Philosophica 8, pp 37-49, Lisboa.
- Badiou, A. (1996) *Manifesto pela Filosofia*. Ed. Aoutra - Rio de Janeiro.
- Badiou, A. (1996) *O Ser e o Evento*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Badiou, A. (2006) *Logiques des Mondes*. Paris: Seuil.
- Badiou, A. (2015) *Metaphysique du Bonheur Réel*. 1ª Ed. Paris: PUF, 2015.
- Badiou, A. (2015) *A aventura da filosofia francesa - 1ª Ed - Belo Horizonte: Autêntica Editora*.
- Badiou, A. (2017) *Le Séminaire: Vérité et sujet, 1987-1988 - Editora Fayard, Paris*.
- Badiou, A. (2019) *Théorie axiomatique du sujet*. Editora Arhème Fayard, Paris.
- Foucault, M. (1995) *O sujeito e o poder*. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. *Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica - Rio de Janeiro: Forense Universitária*.
- Lane, S. T. M. (1989) *Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia em “Psicologia Social: o Homem em Movimento” - 08ª Edição. - Editora Brasiliense/SP*.
- Lane, S. T. M. (2000) *A Psicologia Social na América Latina: por uma ética do conhecimento em “Paradigmas em Psicologia Social: A perspectiva Latino-Americana”, organizado por Regina Helena de Freitas Campos e Pedrinho A. Guareschi - - 02ª Edição - Editora Vozes – São Paulo*
- Marx, K. (2011) *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Ed. Boitempo, 2011, São Paulo, página 25.
- Žižek, S. (2011) *Em defesa das Causas Perdidas*. São Paulo, Ed. Boitempo.
- Žižek, S. (2013) *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. 1ª Edição - Ed. Boitempo – São Paulo
- Žižek, S. (2014) *Absolute Recoil*, Ed. Verso, Londres.

Recebido em 13/04/2022

Aceito em 12/12/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.